

DVDs



O ESCRITOR FANTASMA

(The ghost writer, Alemanha/Inglaterra, 2010). De Roman Polanski. Com Pierre Brosnan, Ewan McGregor, Olivia Williams, Timothy Hutton e Kim Cattrall. Paris Filmes, drama, 128min. Não recomendado para menores de 12 anos. ★★

A potêmica obra literária do inglês Robert Harris — em que ele abertamente expõe o descontentamento larido com a conduta pública do primeiro-ministro Tony Blair — ganha uma sôbria transposição para o cinema que rendeu prêmio de direção no Festival de Berlim. Intrigante, acompanha a labiríntica trajetória de um escritor (McGregor) arrastado para redigir memórias do influente político que pode até ter cometido as fundamentais acusações de envolvimento em crimes de guerra. Apesar da moderada apelação para clichê e para um mix de climas já explorados (em especial, O Inquinto), Polanski alcança robusta construção de suspense. (Ricardo DaeHN)



IRMÃOS DE SANGUE

(Leaves of grass, EUA, 2009). De Tim Blake Nelson. Com Edward Norton, Melanie Lynskey, Susan Sarandon, Keri Russell e Richard Dreyfuss. Califórnia, comédia, 104min. Não recomendado para menores de 18 anos. ★★

Eficiente ator em filmes, como *E aí, meu irmão, codê voce?* e *O incrível Hulk* (2008), Blake Nelson já havia se provado habilidoso diretor em *Cinco dias de guerra*, mas aqui — sem rotas consistentes lastreadas em temas — a boa impressão é desfeita. Na trama, dois gêmeos idênticos são confundidos, com prejuízo para aquele que é professor de filosofia e, relutante, volta à cidade caipira do Oklahoma, para fazer as pazes com a mãe (Sarandon) e, supostamente, encontrar o irmão traficante de drogas. Além do esperado show de interpretação de Edward Norton, em papel duplo, e da curiosa participação de Keri Russell (da telenovela *Felicity*) não há mais nada a ser ressaltado. (RD)



OS MERCENÁRIOS

(The expendables, EUA, 2010). De Sylvester Stallone. Com Sylvester Stallone, Jason Statham, Dolph Lundgren, Jet Li e Mickey Rourke. Califórnia Filmes, ação, 103min. Não recomendado para menores de 18 anos. ★★

Ans 64 anos, Stallone segue explodindo cenários tropicais com a desenvoltura de jovens ídolos do cinema de ação. Mas o astro já não se leva tão a sério: neste revival dos "filmes de panadeira" dos anos 1980, o ator/diretor cerca-se de um elenco marombado para celebrar as travessuras brutais de fiscais, como Stallone, *Cobra* e *Rambo 2*. Filmado em parte no Brasil, o longa abusa de pólvora e sopapos coreografados para narrar o reencontro de um grupo de velhos assassinos, programados para eliminar o ditador de um país fictício. Picareta já no título, *Os mercenários* não escada as próprias intempções: antigos colegas de trabalho ganhando uns trocados às custas da nostalgia alheia. (Tiago Faria)

Crítica // Domingo maldito ★★

ACOMODAÇÃO SENTIMENTAL

» RICARDO DAEHN

O adeus às ilusões de personagens que aspiram ao sucesso em carreiras incomuns sempre foi uma constante na obra do inglês John Schlesinger, ganhador do Oscar de melhor direção e filme por *Perdidos na noite* (1969), e empenhado em obras como *Madame Sousatzka* (1988) e *Darling*, a que amou demais (1965). Com *Domingo maldito* (1971), finalmente lançado em DVD, a abordagem acrescenta ainda a crise do envelhecimento de dois personagens, nessa produção vencedora do *Globo de Ouro* de melhor filme em língua inglesa e ainda indicada para quatro prêmios Oscar (incluindo as interpretações dos protagonistas Glenda Jackson e Peter Finch).

Um arcaico serviço de mensagens telefônicas compartilhado reforça a união de três personagens integrados por assimétrico entrosamento: artista de vanguarda, Bob Elkin (Murray Head) canaliza a bissexualidade entre a executiva Alex (Jackson) e o médico Daniel (Finch). Numa cena irônica, ela pendura o vinho, enquanto gracinha em torno do desejo de Bob pelo leite (criticando o hábito "americano" de quem ainda não desmamou e explicitando a falta de maturidade do parceiro).

Domingo maldito versa muito sobre isso: a acomodação sentimental de dois personagens burgueses e envelhecidos, vistos com certa complacência (a câmera os registra apequoados) que se contentam com "alguma coisa", como diz o médico, ao falar da relação com o jovem que parece mais entusiasmado com possibilidades profissionais na América do que com real amor.

Passadas três décadas desde a produção, é interessante observar como os desencontros amorosos viram um reboque de uma crise financeira (reforçada pelo fantasma da demissão) e também de uma (agora) ultrapassada modernidade impressa na fita (das "engenhocas retrô" criadas por Bob aos antepassados do CD e das secretárias eletrônicas). Com amigos em comum, Daniel e Alex — fadados a um encontro, no enredo — relativizam a saudável maturidade mesmo frente a dissabões, como viagens não realizadas, a necessidade de cirurgia plástica e cobranças sociais (a família judaica especula em torno de matrimônio para Daniel).

Original, o roteiro de Penelope Gilliatt (crítica de cinema da *The New Yorker*) é repleto de leves disparates (crianças fumam maconha numa casa em que também cria-se um macaco), trazendo ainda situações marcantes, como a do brutal atropelamento e do primeiro beijo na boca homossexual, dado de modo casual entre Finch e Head, num filme de ampla repercussão. O maior tema desenvolvido, porém, se concentra no dilema entre a covardia sentimental ou a reafirmação da liberdade de precavidos ou carentes personagens, como o reservado a Glenda Jackson, que reforça: "Casamento é algo mais do que bens?". Uma imediata provocação aos espectadores.



Glenda Jackson e Murray Head



DOMINGO MALDITO

(Sunday bloody Sunday, Inglaterra, 1971). De John Schlesinger. Com Glenda Jackson, Peter Finch, Murray Head, Peggy Ashcroft e Bessie Love. Versátil, drama, 110min. Não recomendado para menores de 18 anos.

LIVRO

Brasília sob o olhar feminino

Projeto *Poeira & batom* resgata a memória das pioneiras que também ajudaram a construir a capital do país



Tânia Fontenele, a pioneira Maria das Neves Morici e Mônica Ferreira na exposição *Poeira & batom*

» NAHIMA MACIEL

Tânia Fontenele ouviu reprensões quando apresentou às 50 pioneiras seu projeto intitulado *Mulheres invisíveis*. Ouviu a maioria: "Nós não somos invisíveis não. Fomos muito atuantes". Decidiu então mudar o nome do projeto, que virou *Poeira & batom*. A ideia da invisibilidade surgiu com a vontade de contar histórias das primeiras mulheres que desembarcaram no Planalto Central quando Brasília era apenas um campo de obras.

A intenção era abordar a história a partir das perspectivas femininas das personagens. A saga brasiliense já foi muitas vezes contada por homens e Tânia sentia falta da palavra das pioneiras. Entrevistou então 50 mulheres com o cuidado de diversificar ao máximo o origem de cada uma, de maneira a obter as mais variadas perspectivas. O resultado rendeu o livro *Poeira & batom*, uma mescla de textos históricos sobre a construção da capital e registros do cotidiano das pioneiras, cujas fotografias ilustram exposição homô-

nima em cartaz no saguão do auditório do Museu da República.

Tânia convidou a pesquisadora Mônica Ferreira e a cineasta Tânia Quaresma para participar do projeto e escolheu 50 mulheres para homenagear as cinco décadas de aniversário da cidade. As entrevistas, realizadas em estúdio, foram editadas em um filme de 60 minutos que acompanha o livro e cujos trechos serão apresentados durante a exposição.

Tânia Fontenele descobriu que, de 1956 a 1960, muitas trouxeram as filhas, crianças de colo ou na primeira infância que também assistiram o surgimento de Brasília e poderiam acrescentar a perspectiva infantil da vida em um campo de obras de uma cidade utópica. Algumas dessas filhas passaram a fazer parte do projeto. "A gente optou por uma linha do tempo, por contar a história até o golpe militar (de 1964). Obviamente, sabemos que há marcos históricos, mas demos prioridade aos depoimentos. Procuramos interferir o mínimo", conta ela.

No livro, os marcos históricos são citados para, em seguida, serem comentados por cada entre-

vistada. "Queríamos delas a sensação de pessoas que estavam modificando o ambiente no qual estavam inseridas. Tem a visão oficial e a visão delas", diz Mônica Ferreira, que é economista e quer transformar as histórias em uma peça de teatro. A variedade de origens também orientou as pesquisadoras, que contaram com patrocínio de R\$ 250 mil da Petrobras para realizar livro, filme e exposição. Há pioneiras autoras de relatos já bastante conhecidos, como Palmerinda Donato, a cineasta Maria Czele, a pianista Neusa França e Iya Sayão, mas houve uma preocupação em narrar histórias inéditas de médicas, lavadeiras, enfermeiras, comerciantes, agricultoras, professoras e até de uma funcionária de boate.

POEIRA & BATOM

Exposição organizada por Tânia Fontenele e Mônica Ferreira com fotos de Tânia Quaresma. Visitação até 27 de novembro, de terça a domingo, das 9h às 18h30, no Museu Nacional do Conjunto Cultural da República

PESQUISA

Planalto popular

Doutores, mestres e estudantes de graduação da Universidade de Brasília (UnB) observam cuidadosamente a paisagem artística da capital e registam o cotidiano, nos textos do livro *As artes populares no Planalto Central: performance e identidade*, organizado pelo coordenador João Gabriel Teixeira e pela consultora Leticia Vianna.

Resultado de um projeto de três anos do Laboratório Transdisciplinar de Estudos sobre a Performance (Trans), ligado ao Departamento de Sociologia, a obra estuda as manifestações populares, que ainda sobrevivem apesar da globalização. "Não quisemos chamar de Entorno, nem Distrito Federal, porque o conceito de planalto é mais amplo e poético, abrange área maior que o entorno. Temos artigos sobre o norte e o noroeste de Goiás, o noroeste de Minas Gerais, e de Brasília", informa. O livro será lançado hoje, às 19h, no Sabinho (406 Norte).

Os textos, alguns acompanhados de imagens, estão divididos em três seções. No primeiro bloco, pesquisadores do núcleo de



João Gabriel: "O conceito de planalto é mais amplo e poético, abrange área maior que o entorno"

estudos escrevem artigos teóricos sobre performance e identidade. A segunda etapa discorre sobre a produção musical em Brasília. A última dedica-se à análise de manifestações populares: as folhas de João Pinheiro (MG), a caretagem quilombola do distrito de São Domingos, Paracatu (MG), a Sus-



AS ARTES POPULARES NO PLANALTO CENTRAL: PERFORMANCE E IDENTIDADE

Organizado por João Gabriel Teixeira e Leticia Vianna. Verbis Editora, 272 páginas, R\$ 40. Lançamento hoje, às 19h, no Sabinho (406 Norte).

sa e as festas no território Kalunga (GO), a festa da moagem, em Formosa, e a congada em Niquelândia (GO). "É uma primeira forma. O livro faz parte das comemorações dos 50 anos de Brasília", adianta João Gabriel.